

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



EUA: maiores importadores do aço e alumínio nacionais

EUA, os maiores importadores do aço e alumínio do país

As exportações brasileiras de aço e alumínio aos Estados Unidos no ano passado foram responsáveis por 39,4% de tudo o que o Brasil vendeu desse segmento ao mundo em 2024. No setor automotivo, a participação dos embarques aos americanos foi menor, de 12,4%.

Os números foram calculados pelo Broadcast (sistema de notícias em tempo real do Grupo Esta-

do) a partir de levantamentos divulgados nesta segunda-feira, 7, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic) sobre os produtos da pauta exportadora que são afetados por uma tarifa de 25% imposta por Donald Trump. As duas áreas somaram exportações de US\$ 6,973 bilhões aos Estados Unidos no ano passado. A maior parte desse valor é do aço.

Semiacabado

O Brasil é um grande exportador do produto semiacabado aos americanos. Foram US\$ 4,138 bilhões em 2024, de um total de US\$ 7,642 bilhões em aço vendido ao mundo todo. O embarque de alumínio é menos significativo. Em 2024, foram US\$ 267 milhões aos EUA.

Estabilidade

Na semana passada, o presidente executivo do Instituto Aço Brasil, Marco Polo de Mello Lopes, avaliou que, ao não acumular sobre o aço a tarifa linear de 10% imposta pelo governo ianque ao país, a indústria siderúrgica local pode manter suas exportações aos EUA.



Balança comercial do país retoma o rumo do superávit

Balança comercial registra superávit de US\$ 1,769 bilhão

A balança comercial brasileira registrou superávit comercial de US\$ 1,769 bilhão na primeira semana de abril. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) divulgados nesta segunda-feira, 7, o valor foi alcançado com exportações de US\$ 6,145

bilhões e importações de US\$ 4,376 bilhões. No ano, o superávit acumulado é de US\$ 11,751 bilhões.

Até a primeira semana de abril, a média diária das exportações registrou alta de 11,4% em relação à média diária do mesmo mês de 2024. O resultado se deu devido ao crescimento de US\$ 13,64 milhões (3,7%) em Agropecuária.

Importações

Já as importações tiveram crescimento de 9,9% na mesma comparação, com avanço de US\$ 12,76 milhões (51,2%) em Agropecuária, alta de US\$ 4,2 milhões (5,7%) em Indústria Extrativa e aumento de US\$ 84,35 milhões (9,5%) em produtos da Indústria de Transformação.

Mais caros

As tarifas do presidente norte-americano, Donald Trump, vão encarecer =, entre 16% a 30%, os preços de eletrônicos nos Estados Unidos, incluindo os modelos de iPhone e de relógios inteligentes, itens muito procurados por brasileiros em viagens no país.

Baixa

Os contratos futuros de petróleo fecharam o pregão desta segunda-feira (7), em baixa, ampliando perdas de quase 10% acumuladas na última semana, ante temores de que a guerra comercial pelo tarifaço de Trump, gere uma recessão global e enfraqueça a commodity.

Simulações

Nas simulações do UBS, o iPhone 16 Pro Max com 256 Gigas que é montado na China teria aumento de preços no mercado americano de 29%. É o equivalente a ficar US\$ 350 dólares mais caro. Já o iPhone 16 Pro 128 Gigas montado na Índia teria aumento de 12%.

Petrobras: sem transparência, quem perde é o investidor

'Silêncio' de assessoria sobre desmaio de CEO é 'precedente perigoso'

Por Marcello Sigwalt

O tratamento, no mínimo esquivo – não admitiu, nem negou – dispensado pela assessoria da Petrobras ao desmaio, em pleno voo comercial, em meados de fevereiro último, da CEO e presidente da companhia, Magda Chambriard, acabou chamando mais atenção pela falta de transparência em torno do fato, junto ao mercado, do que pelo estado de saúde de sua principal executiva. Além disso, abre um precedente perigoso por parte da maior empresa brasileira, ante às demais, pois alimenta uma incerteza que descamba na perda de valor de suas ações...e prejuízos ao investidor.

Para agravar a questão, a estatal silencia sobre o que parece ser uma 'cortina de fumaça' formada para desviar a atenção e omitir as reais condições de Magda prosseguir no posto, pois ela passou a atacar a médica que tentou socorrê-la no avião. "Isso não vai ficar assim. Devo processar a médica. Já peguei o CRM dela no relatório



Princípio de transparência é inegociável, ainda mais quando envolve a vida do CEO

da Gol. Eu já estava sendo socorrida por um médico que estava sentado próximo. Não sei o que ela queria. Veio correndo do fundo do avião sem ter sido chamada pela tripulação", disparou. Essa reportagem não obteve retorno da CVM (reguladora do mercado de capitais), até o fim dessa edição.

"Uma empresa, indepen-

dentemente de sua magnitude, tem obrigação, sim, de informar fatos de altíssima relevância. Uma parada, seja ela obrigatória ou não, do CEO, de qualquer organização listada em bolsa, sim, deve ser comunicada. Vou além, este é um fato relevante quando ocorre uma parada, seja por saúde por parte do CEO, tem que

ser comunicada ao mercado", aponta o consultor de governança corporativa e ESG, Roberto Gonzalez. Com relação aos danos causados pela 'falta de transparência' ao mercado, Gonzalez admite "uma falha na comunicação pode causar queda nas ações da empresa, pois, no momento em que trago incerteza, a ação cai".

Focus: IPCA e PIB ficam 'imexíveis'

Analistas consultados pelo Banco Central mantiveram suas projeções para a inflação e o crescimento do Brasil neste ano e no próximo, com as expectativas em relação ao patamar da taxa de juros em 2025 e 2026 também inalteradas, após uma semana marcada por aumento dos temores com uma guerra comercial global, de acordo com a pesquisa Focus divulgada nesta segunda-feira.

O levantamento, que capta

a percepção do mercado para indicadores econômicos, mostrou que a expectativa para o IPCA é de alta de 5,65% ao fim deste ano, mesma previsão da pesquisa anterior. Para 2026, a projeção para a inflação brasileira se manteve em 4,50%.

O centro da meta perseguida pelo BC é de 3%, com uma margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

A pesquisa semanal com

uma centena de economistas mostrou ainda a previsão de que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresça 1,97% neste ano, mesma projeção da semana anterior. Em 2026, a expectativa ficou inalterada em crescimento de 1,60%.

Sobre a política monetária do Banco Central, houve manutenção na expectativa para a taxa básica de juros neste ano e no próximo. A mediana das projeções para a Selic em 2025

é de 15,00%, no que foi a 13ª semana consecutiva com essa expectativa, enquanto para 2026 a previsão é de que a taxa atinja 12,50%. No momento, a Selic se encontra em 14,25% ao ano.

O resultado vem na esteira de uma semana marcada por aumento dos temores sobre uma recessão global provocada por uma guerra comercial ampla, devido ao anúncio de novas tarifas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Mercado à deriva detona bolsa: -1,31%

O desconforto com a política tarifária dos Estados Unidos continuou no período da tarde dessa segunda-feira (7), respaldado tanto pela tese de que traria consequências nocivas para a economia global quanto pelo alto grau de incerteza que ainda permeia o assunto. Investidores comentam que o mercado parece estar "à deriva" e negociando em torno de ruídos, sendo que por ora a aversão a risco predominou e o Ibovespa caiu pelo terceiro pregão consecutivo. Segunda ação com mais peso na carteira teórica, Petrobras fechou em queda de 5,57% (ON) e 3,97% (PN).

A estatal perdeu R\$ 23 bilhões em valor de mercado com a queda do barril de petróleo e após notícia da CNN Brasil de que Silveira teria apresentado à Petrobras argumentos para reduzir o preço dos combustíveis, em especial do diesel, jogando novamente luz ao risco



Aversão ao risco predominou no mercado, 'azedando' negócios

de interferência do governo na companhia.

O principal índice da B3 fechou em queda de 1,31%, aos 125.588,09 pontos, após grande volatilidade: mínima aos 123.876,24 pontos (-2,66%) e máxima aos 128.410,57 pontos (+0,91%). O giro finan-

ceiro foi acima da média, a R\$ 43,7 bilhões.

"A volatilidade, mesmo com um volume financeiro alto, é porque o mercado ainda tem dúvidas. É difícil conseguir desenhar qualquer cenário, porque ainda tem possibilidade de renegociações sobre as

tarifas. A impressão é de que todo mundo está meio à deriva: não tem um direcionamento de para onde vai. O mercado está refém de notícias", avalia o analista de ativos da corretora Monte Bravo, Bruno Benassi.

A alta pontual esboçada pelo Ibovespa veio na esteira do rumor de que o governo americano suspenderia por 90 dias as tarifas de importação para todos os países, com exceção da China. Mas logo em seguida a Casa Branca negou e, assim, o índice se firmou no negativo desde o começo da tarde.

Considerando a negatividade da Casa Branca, o mercado vê que no cenário de curtíssimo prazo a política tarifária será aplicada, segundo o head de Renda Variável na W1 Capital, Tales Barros. "Com a imposição de tarifas, o crescimento da economia global será menor, com uma reação em cadeia dos 185 países taxados", explica.

Tarifaço deixa os futuros sem direção

Os juros futuros fecharam de lado até os vencimentos intermediários e com alta moderada nos longos, com ganho de inclinação para a curva. Os receios sobre os impactos do tarifaço nos EUA sobre a economia global continuaram ditando o comportamento dos ativos e hoje o debate sobre a possibilidade de queda dos preços dos combustíveis ganhou fôlego, em mais um dia de recuo nas cotações do petróleo.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou em 14,700%, de 14,690% no ajuste de sexta-feira, e a o DI para janeiro de 2027 caiu de 14,23% para 14,21%. O DI para janeiro de 2029 terminou com taxa de 14,16%, de 14,07% no ajuste anterior. A curva local conseguiu se descolar parcialmente da abertura dos rendimentos dos Treasuries. A taxa da T-Note de 10 anos subia para além

dos 4,20% no fim da tarde.

O dia começou tenso a partir do acionamento do circuit breaker na Bolsa de Tóquio e novos capítulos da novela das tarifas. O cenário aversão ao risco que penalizava o real e o Ibovespa chegou a se reverter pontualmente com relatos de que Trump estava considerando pausar as taxas por 90 dias, que foram desmentidos posteriormente pela Casa Branca. O dólar chegou a virar para bai-

xo, com mínima na casa de R\$ 5,81, mas depois voltou a subir, fechando aos R\$ 5,9106.

Trump ameaçou aplicar taxa adicional a 50% a produtos chineses caso Pequim não remova até amanhã as tarifas retaliatórias de 34% contra os EUA. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Lin Jian, por sua vez, rebateu dizendo que "pressão e ameaças não são a maneira de lidar com o país".